

SASCHA ARANGO

**A
VERDADE
E
OUTRAS
MENTIRAS**

TRADUÇÃO
Petê Rissatti



Die Wahrheit und andere Lügen by Sascha Arango © 2014 by C. Bertelsmann Verlag
Uma divisão do grupo Verlag Random House GmbH, Munique, Alemanha.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Die Wahrheit und andere Lügen

Capa

Eduardo Foresti

Preparação

Clarice Goulart

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arango, Sascha

A verdade e outras mentiras / Sascha Arango ; tradução
Petê Rissatti. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma de Letras,
2016.

Título original: Die Wahrheit und andere Lügen.

ISBN 978-85-5651-021-1

1. Ficção indiana (Inglês) i. Título.

16-05792

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura alemã 833

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

*Talvez tudo o que é terrível seja, no fundo,
Algo desesperado que precisa de nossa ajuda.*

R. M. RILKE

1

Não tinha como escapar. Apenas uma olhada na imagem bastou para confirmar as suspeitas dos últimos meses. O embrião retorcido como um anfíbio tinha um dos olhos fixo nele. Aquilo acima da cauda de dragão era uma perna ou um tentáculo?

Existiam poucos momentos de certeza absoluta na vida. Naquele, porém, Henry viu o futuro. Aquele anfíbio cresceria e se tornaria uma pessoa. Teria direitos e vontades, faria perguntas, e passaria por todas as experiências normais a um ser humano.

Na imagem do ultrassom, que tinha o tamanho de um cartão-postal, via-se uma escala de cinza do lado direito do embrião. À esquerda havia letras; bem acima estavam a data, o nome da mãe e o nome da médica. Henry não tinha a menor dúvida de que era autêntico.

Betty estava no banco do motorista, fumando, e viu as lágrimas nos olhos de Henry. Ela tocou seu rosto, achando que eram lágrimas de alegria. Mas ele estava pensando em sua esposa, Martha. Por que ela não engravidava? Por que tinha que estar com outra mulher naquele carro?

Ele se odiava, estava constrangido e sinceramente arrependido. *A vida dá de tudo, mas nunca tudo de uma vez;* esse sempre fora o lema de Henry.

Naquela tarde, o estrondo monótono das ondas se erguia das encostas, o vento curvava a grama alta e batia contra os vidros do Subaru verde. Henry precisava apenas ligar o motor, pisar no acelerador e o carro atravessaria a encosta a toda a velocidade e despencaria lá embaixo, nas ondas. Em cinco segundos tudo estaria acabado, a explosão mataria os três. Mas, antes, ele precisaria sair do banco do passageiro e trocar de lugar com Betty. Complicado demais.

— O que me diz?

O que poderia dizer? A questão já estava ruim o bastante. Com certeza aquela coisa no útero da mulher já estava se mexendo, e se Henry havia aprendido uma coisa na vida era a revelar apenas o estritamente necessário.

Betty só o vira chorar uma vez na vida, quando ele recebeu o título doutor *honoris causa* na Smith College, em Massachusetts. Até então, ela pensara que Henry nunca chorava. Sentado na primeira fileira, em silêncio, ele ficara pensando na esposa.

Betty inclinou-se por cima do câmbio e o abraçou. Ficaram quietos, escutando a respiração um do outro, até que Henry abriu a porta do carro e vomitou na grama. Viu voltar a lasanha que havia preparado para Martha no almoço. Parecia uma compota de embriões feita de pedaços de massa cor de carne. Ele se engasgou com a visão e teve uma crise de tosse.

Betty tirou os sapatos, saltou do carro, puxou Henry do assento, passou os braços ao redor de suas costelas e apertou com força até que lasanha lhe escorresse das narinas. Era incrível como ela sempre tomava a decisão certa sem nem pensar. Os dois ficaram ali na grama, ao lado do Subaru, com o vento que carregava flocos de espuma do mar como se fossem neve.

— Me diz, o que a gente faz?

A resposta correta teria sido: “Querida, isso não vai acabar bem”. Porém, uma resposta dessas trazia consequências. Mudava ou sumia com as coisas para sempre. Também não adiantava chorar sobre o leite derramado. Ninguém nunca queria mudar nada quando estava bom e confortável.

— Vou para casa contar tudo para minha esposa.

— Sério?

Henry viu a perplexidade no rosto de Betty; ele mesmo estava surpreso. Por que dissera aquilo? Não costumava ser extremista, e contar *tudo* seria desnecessário.

— Como assim *tudo*?

— Tudo. Vou simplesmente contar tudo para ela. Chega de mentiras.

— E se ela te perdoar?

— Como me perdoar?

— E a criança?

— Espero que seja menina.
Betty o abraçou e o beijou.
— Henry, às vezes você é o máximo.

Sim, ele podia ser o máximo. Iria para casa e trocaria a mentira pela verdade. Finalmente contaria tudo, sem rodeios, todos os detalhes odiosos — bem, talvez nem todos, mas o essencial. Isso significaria abrir feridas profundas. Lágrimas seriam derramadas e haveria muito sofrimento, inclusive para ele. Seria o fim da confiança e da harmonia entre Martha e ele, mas também um ato de libertação. Henry não seria mais um babaca desprezível, nem teria mais tanta vergonha de si mesmo. Tinha que ser feito. A verdade antes da beleza, e todo o resto se arranaria depois.

Abraçou a cintura curvilínea de Betty. Na grama jazia uma pedra, grande e pesada o bastante para um golpe fatal. Precisaria apenas se curvar para pegá-la.

— Vamos, entre no carro.

Ele se sentou ao volante e ligou o motor. Em vez de lançar-se da encosta, engatou a marcha a ré e botou lentamente o Subaru em movimento. Um grande erro, como veio a descobrir mais tarde.

O estreito caminho de placas de concreto era quase invisível sob o fechado bosque de pinheiros que seguia da encosta até a estrada da floresta, onde seu carro estava escondido por galhos baixos. Betty abriu a janela do carro, acendeu mais um cigarro mentolado e deu uma longa tragada.

— Ela não vai fazer nenhuma bobagem, vai?
— Espero que não.
— Como será que vai reagir? Vai contar para ela que sou eu?
Que você é o quê?, Henry quis perguntar. Em vez disso, respondeu:
— Vou contar se ela perguntar.

Claro que Martha perguntaria. Qualquer pessoa, ao saber que foi traída, queria saber por quê, há quanto tempo e com quem. Era normal. A traição era um enigma que todos queriam desvendar.

Betty pousou a mão com o cigarro aceso na coxa de Henry.

— Meu amor, nós nos cuidamos. Quer dizer, não queríamos um filho, não é?

Henry não podia estar mais de acordo. Não, ele não queria filho nenhum, muito menos de Betty. Ela era sua amante, nunca seria uma boa mãe. Era dura demais, narcisista demais. Um filho lhe daria poder sobre Henry: destruiria seu disfarce e o pressionaria até as últimas consequências. Por um tempo considerara a hipótese de fazer uma vasectomia, mas algo o impedira. Talvez fosse o desejo de ter um filho com Martha, no fim das contas.

— Parece que esse bebê queria existir — respondeu.

Betty sorriu, o lábio tremendo. Henry tinha acertado o tom.

— Acho que vai ser menina.

Os dois desceram do carro e trocaram de lugar outra vez. Betty sentou-se ao volante e calçou um sapato, pisando mecanicamente na embreagem e trocando de marcha.

Ele não está feliz, pensou Betty. Mas isso não seria pedir um pouco demais de um homem que acabara de decidir mudar completamente de vida e terminar o casamento? Apesar de manter um caso com ele havia vários anos, Betty sabia muito pouco sobre Henry. Mas sabia que não era um homem apegado à família.

Ela mal pode esperar, pensou Henry. *Mal pode esperar que eu largue tudo por ela*. Só que ele não tinha a menor intenção de trocar sua vida discreta e despreocupada por uma vida em família que nem combinava com ele. Depois que confessasse tudo para a esposa, precisaria de uma nova identidade. Daria muito trabalho se reinventar, criar um Henry apenas para Betty. Só o pensamento já o deixava exausto.

— Posso fazer alguma coisa?

Henry fez que sim com a cabeça.

— Parar de fumar.

Betty deu um trago no cigarro e jogou-o fora.

— Vai ser horrível.

— É. Vai ser horrível. Eu ligo quando tudo acabar.

Ela engatou a marcha.

— Como está o livro?

— Não falta muito.

Ele se inclinou para a porta aberta do carro.

- Contou da gente para alguém?
- Para ninguém — respondeu ela.
- Esse filho é meu, não é? Digo, está mesmo aí, *vai mesmo* nascer?
- Sim. É seu. E vai nascer.

Beth se esticou para beijá-lo, os lábios levemente entreabertos. A contragosto, ele se curvou, e a língua de Betty invadiu sua boca como um parafuso grosso e liso. Henry fechou a porta do motorista. Ela desceu a floresta na direção da estrada principal enquanto ele observava até o carro desaparecer. Então pisou no cigarro pela metade que ainda queimava na grama. Henry acreditava nela. Betty não mentiria para ele — afinal, não tinha muita imaginação. Era jovem e atlética, muito mais elegante que Martha. Bela e não muito esperta, mas extremamente prática. Agora estava grávida dele, e um teste de paternidade era desnecessário.

O pragmatismo frio de Betty havia impressionado Henry desde o primeiro encontro. Quando ela gostava de algo, corria atrás. Era astuciosa e tinha pés delicados, sardas nos seios redondos como laranjas, olhos verdes e cabelo loiro e cacheado. Quando a viu pela primeira vez, ela usava um vestido com a estampa de um animal em extinção.

O caso começara no instante em que se conheceram. Henry não precisara nem tentar, nem fingir, nem flertar. Como na maioria das vezes, não precisou fazer nada, pois ela o considerava um gênio. Por isso, Betty não se importava nem um pouco com o fato de ele ser casado e não querer filhos. Pelo contrário; tudo era uma questão de tempo. Havia esperado demais por alguém como ele — foi o que ela lhe disse. Na opinião de Betty, a maioria dos homens precisava de mais grandiosidade, embora não tenha explicado o que isso significava.

Na época, Betty era editora-chefe na editora Moreany. Havia começado como assistente no departamento comercial, embora se considerasse qualificada demais por ter um diploma em Letras. Grande parte das aulas foi tediosa, e ela se arrependera de não ter seguido o conselho dos pais e cursado Direito. Apesar de sua qualificação, as possibilidades de ascensão

na editora eram limitadas. Ela costumava entrar às escondidas nas salas dos editores, na hora do almoço, para dar uma espiada. Um dia, por puro tédio, puxou da pilha de manuscritos recusados um dos originais de Henry e levou-o para ler no refeitório. Henry enviara o texto sem carta de apresentação e em formato de livro para economizar na postagem. Naquela época, ele vivia bem apertado.

Betty leu cerca de trinta páginas sem sequer tocar na comida. Em seguida, correu até o terceiro andar, dirigindo-se à sala do fundador da editora, Claus Moreany, e arrancou-o da soneca da tarde. Quatro horas mais tarde, o próprio Moreany ligou para Henry.

— Boa tarde, meu nome é Claus Moreany.

— Sério? Caramba!

— O senhor escreveu um livro maravilhoso. Realmente maravilhoso. Os direitos já estão vendidos?

Não estavam. O primeiro romance, *Frank Ellis*, vendeu dez milhões de cópias no mundo inteiro. Como disse a crítica maravilhosa, era um thriller com muita violência e pouco perdão. Contava a história de um autista que se tornava policial para encontrar o assassino da irmã. Os primeiros cem mil exemplares foram vendidos em apenas um mês. O lucro salvou a editora Moreany da falência. Oito anos depois, Henry era um autor best-seller, traduzido em vinte idiomas, várias vezes premiado e todo o resto. A editora Moreany já lançara cinco best-sellers, e todos inspiraram filmes e foram adaptados para o teatro. *Frank Ellis* foi adotado também por escolas. Era quase um clássico. E Henry ainda estava casado com Martha.

Além de Henry, apenas Martha sabia que ele não havia escrito uma só palavra de seus romances.

2

Henry costumava se perguntar como seria a sua vida se ele não tivesse conhecido Martha. A resposta era sempre a mesma: seria como antes. Henry não teria se tornado alguém importante — não teria aquela vida de fartura e liberdade, nem um carro esportivo italiano. E seria um completo desconhecido. Nesse ponto, era realista. Permaneceria invisível — o que era uma arte. Claro que a luta pela sobrevivência era emocionante: quanto mais raras, mais valiosas as coisas eram. E quanto mais ricas eram as pessoas, menos importância davam ao dinheiro. Assim eram as coisas. Mas a apatia e a indiferença não seriam um preço aceitável a pagar em troca de uma vida de bem-estar e luxo? Certamente valiam mais a pena que a fome, o sofrimento e os dentes cariados. Não era preciso ser famoso para ser feliz; apesar do que muitos pensavam, popularidade não era sinônimo de importância. Entretanto, desde que Henry saiu da escuridão dos comuns para entrar nos holofotes dos seres especiais, vivia com muito mais conforto. Era impossível comparar o antes e o depois. Assim, por anos sua única preocupação tinha sido manter o *status quo*. Não havia mais nada para conquistar — nesse ponto, era bem realista. Mesmo que tudo fosse tedioso.

O original de *Frank Ellis* foi uma descoberta sua. Estava enrolado em papel-manteiga embaixo da cama de uma desconhecida. Quando encontrou o pacote, Henry sentia uma dor de cabeça aguda. Só precisava achar o pé esquerdo de suas meias para poder sair silenciosamente daquele quarto, como sempre fazia. Nunca tinha visto a mulher que estava na cama e não sentia vontade alguma de conhecê-la. Apenas passou os olhos por seus pés, observando a silhueta feminina da curva dos quadris até os cabelos finos e

castanhos, e nada mais. O aquecedor estava frio, o quarto escuro cheirava a poeira e mau hálito. Era hora de sumir dali.

Sentia uma sede horrível; na noite anterior havia bebido demais. Era o seu aniversário de trinta e seis anos. Ninguém havia lhe dado os parabéns. Era de se esperar; afinal, ele era um completo desconhecido. Quem poderia conhecê-lo? Quando se viaja o tempo todo, era difícil ter laços fortes de amizade, e seus pais haviam morrido muito tempo antes.

Não tinha um canto só seu, nem renda fixa, muito menos ideia do que faria da vida. Por que teria? O futuro era incerto, e qualquer pessoa que dissesse que podia prevê-lo era uma mentirosa. O passado não passava de lembranças, e, por isso, era pura invenção. A única certeza estava no presente, que abria espaço para que as coisas acontecessem e desvanecessem imediatamente. Para Henry, a ideia de que as coisas fossem previsíveis era muito mais perturbadora que a dúvida. Saber o que iria acontecer tinha a importância do pêndulo sobre o poço, como no conto de Edgar Allan Poe. O que viria além do arrependimento, da morte e da decomposição? Em todo o seu realismo, Henry entendia a vida como um acúmulo de coisas que só poderia ser julgado por historiadores — depois da morte. E feliz daquele que não deixava nada para trás, pois assim não era preciso temer qualquer julgamento.

Calar-se é contrariar a natureza humana. Essa era a primeira frase do original de Martha. Henry achou que poderia muito bem ter escrito aquilo. Era ao mesmo tempo simples e certeiro. Ele leu a frase seguinte e a seguinte. Não procurou mais a meia esquerda, também não se esgueirou para fugir do pequeno apartamento, nem pegou algum dinheiro ou qualquer objeto de valor que estivesse à vista, como sempre fazia para comprar comida.

Desde o primeiro parágrafo, teve a impressão de que a história era muito semelhante à dele. Leu o original inteiro de uma vez, fazendo o mínimo de barulho possível ao virar as páginas, para não acordar a desconhecida que ressonava ao seu lado. Não encontrou qualquer rasura naquelas páginas, nem erros de digitação, nenhuma vírgula errada. Enquanto avançava, certas vezes Henry interrompia a leitura para observar melhor a mulher. Já haviam se encontrado antes? Será que ele havia contado algo para ela, mas

não lembrava? Como se chamava? Ela chegou a falar o nome? Tinha certeza de que ela não havia falado muito. Era discreta, tinha feições delicadas e cílios longos que naquele momento cobriam os olhos.

Quando Martha acordou, no início da tarde, Henry já havia acendido o aquecedor, resolvido o mistério da torneira pingando, prendido a cortina do banheiro, arrumado a cozinha e preparado um prato de ovos fritos. Consertara a pequena máquina de escrever que estava na mesa da cozinha ao lubrificar as engrenagens e desentortar, com o calor do fogão, um dos braços dos tipos usados na digitação. O original de Martha, novamente embrulhado, estava sob a cama. Ela se sentou à mesa e comeu os ovos com apetite.

Henry propôs que vivessem juntos e ela não disse nada, o que ele entendeu como um sim.

Ficaram juntos pelo resto do dia. Ela contou como ele havia se apresentado na noite anterior — dissera ser um cara totalmente desimportante. Henry concordou, apesar de não se lembrar de nada.

À tarde, tomaram sorvete e caminharam pelo jardim botânico, onde Henry falou um pouco sobre seu passado. Falou da infância, que terminou quando sua mãe desapareceu e seu pai despencou de uma escada, mas não mencionou os anos que passou se escondendo.

Martha não o interrompeu uma única vez e também não fez perguntas. Segurava com firmeza o braço de Henry enquanto os dois passeavam pela estufa tropical e, em algum momento, encostou a cabeça em seu ombro. Até aquele dia, ele nunca havia falado tanto sobre sua vida, e quase tudo o que disse era verdade. Não deixou nada importante de fora, não embelezou parte alguma nem inventou muitas coisas. Viveu uma tarde feliz no jardim botânico — a primeira das muitas tardes felizes com Martha.

Na noite seguinte dormiram na mesma cama, ao lado do aquecedor. Dessa vez ele foi carinhoso e delicado, hesitante, quase tímido. Ela permaneceu bem silenciosa, com a respiração quente e rápida. E, mais tarde, depois que ele caiu em um sono pesado, Martha se levantou e sentou-se diante da máquina de escrever, na cozinha. Henry acordou com o barulho que os tipos faziam ao bater no papel. Regulares, com pausas curtas, ponto. Em seguida, o sinal da pequena campainha que indicava o final da linha.

Ponto, nova linha, ponto, parágrafo. Ouvia um som alto quando ela puxava a folha escrita da máquina, e outros roncos curtos quando inseria a nova página. *Então é assim que surge a literatura*, ele pensou. O bate-tecla não cessou até o raiar do dia.

No dia seguinte, Henry arrumou a cama. Então, conseguiu uma esteira de borracha para pôr embaixo da máquina de escrever e mais duas cadeiras de cozinha. Fez ainda uma gambiarra no marcador de energia elétrica para economizar nos custos da calefação. Enquanto fazia tudo aquilo, pensava em como era possível conseguir um lar sem dispor de uma fonte de renda, e se perguntava se estava preparado para aquilo.

Ele arrumava e limpava. Martha não fez qualquer comentário sobre suas atividades domésticas. Basicamente não comentava nada a respeito de nada. Henry gostava disso: não achava que ela fosse desinteressada ou não tivesse uma opinião. Não, ela apenas estava satisfeita e não tinha nada a dizer. Era como se tivesse previsto tudo.

Henry percebeu que Martha nunca lia as histórias que escrevia. Não falava nada sobre isso; não tinha orgulho do que fazia. Quando terminava uma, começava a próxima, como uma árvore que se livra das folhas no outono. Enquanto escrevia, ela já devia ter a ideia do próximo livro em sua mente, pois entre um e outro não havia nenhuma pausa. Por muito tempo Henry não conseguiu entender do que Martha vivia. Era formada, mas não revelava o que estudara. Devia ter algum dinheiro guardado, mas raramente ia ao banco. Quando não havia o que comer, simplesmente não comia. À tarde, costumava nadar na piscina municipal. Henry a seguiu uma vez e comprovou que ela ia de fato apenas nadar.

No porão, Henry encontrou uma mala cheia de originais amassados, escondidos de qualquer jeito entre cocô de rato e água empoçada como se fossem cadáveres de crianças. As páginas haviam se transformado em uma massa; era possível ler apenas algumas palavras. Histórias perdidas. O original de *Frank Ellis* também teria apodrecido, ou se transformado em calor fugaz dentro da estufa no meio de um dia frio, se Henry não tivesse escondido o pacote. Era mérito seu. Mais tarde, diria para a própria consciência: ele salvara *Frank Ellis*, mesmo que não o tivesse escrito. Já era alguma coisa.